

APA do Engenho Pequeno abriga diversidade

Marcelo Guerra Santos¹ & Luiz José Soares Pinto²

¹Professor do Departamento de Ciências (DCIEN) da FFP-UERJ

²Biólogo bolsista PROATEC da FFP-UERJ



A devastação da Mata Atlântica é tão antiga quanto o encontro do europeu com os índios que viviam no que hoje é o território brasileiro. Começou com o intenso extrativismo das riquezas naturais para suprir a Europa com as “novidades” advindas do continente “descoberto”. Passou pela introdução de espécies exóticas (não pertencentes a nossa flora e fauna). Indo até a expansão agrícola, a extração mineral, a especulação imobiliária e o crescimento desordenado das cidades. Todas estas são práticas executadas até os dias atuais. Como consequência, temos acompanhado a diária redução da Mata Atlântica no Brasil, originando fragmentos florestais isolados. Esta fragmentação ameaça a sobrevivência e a conservação de muitas espécies. Deste modo, a Mata Atlântica, juntamente com o cerrado brasileiro, é considerada um dos “hotspots” mundiais, ou seja, um ecossistema que possui uma grande biodiversidade e que sofre ameaça de destruição.

No estado do Rio de Janeiro e mais especificamente no município de São Gonçalo não foi diferente do contexto nacional. Só que a natureza resiste! E uma dessas resistências no município de São Gonçalo é encontrada na Área de Proteção Ambiental do Engenho Pequeno (APAEP), um fragmento de Mata Atlântica praticamente desconhecido da população gonçalense. A

“Apologia” Ano 1 N° 11 – julho de 2006.

APAEP surgiu da mobilização de moradores e ambientalistas locais, inconformados pela tentativa da instalação de um aterro sanitário na região, no final da década de 80. Então, no ano de 1991 foi decretada a APAEP (Decreto Municipal 054/91). Em 2001, em sobreposição parcial a APAEP, foi criado o Parque Natural Municipal de São Gonçalo - PNMSG (Decreto Municipal 038/01). Há, portanto, a sobreposição de duas categorias de Unidade de Conservação (UC): a de Uso Integral (PNMSG), onde a presença humana só é permitida para a realização de pesquisas científicas, educação e interpretação ambiental e de turismo ecológico; e a de Uso Sustentável (APAEP) onde a presença humana é admitida, mas somente a comunidade que estava instalada até a data da criação da UC e, desde que as atividades exercidas não comprometam a conservação da UC, ou seja, o processo de ocupação deve ser disciplinado e a sustentabilidade do uso dos recursos naturais deve ser assegurada. É interessante salientar que a forma como as duas UCs foram delimitadas, a APAEP ao redor do PNMSG, a APAEP acaba servindo como uma área de amortecimento para o PNMSG e, em tese, diminuindo os impactos nesta UC de Uso Integral, onde existem os fragmentos de Mata Atlântica em melhor estado de conservação. Outro ponto que merece destaque é que um Parque pertence ao domínio público, sendo as áreas particulares em seus limites desapropriadas, enquanto que uma Área de Proteção Ambiental pode ser constituída por terras públicas ou privadas. Deste modo, é importantíssimo que os limites entre as duas UCs estejam claros para a população local e que seja realizado um cadastro das moradias existentes dentro das duas UCs.

Em 2004 foi assinado um convênio de cooperação mútua entre a Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Secretaria Municipal de Infra-estrutura, Urbanismo e Meio Ambiente (SEMIURME) de São Gonçalo, para a realização de estudos na APAEP (DO-RJ 05/07/04). Como resultado das atividades desenvolvidas na parceria entre a FFP-UERJ e SEMIURME-SG, já foram registradas para a APAEP mais de 126 espécies de plantas, dentre elas samambaias, orquídeas, bromélias, jaborandis, jacarandás, ipês, paineiras, embaúbas e quaresmeiras. A lista zoológica apresenta quatro serpentes, sete anfíbios, cinco lagartos, uma anfisbena, quatro morcegos e 55 espécies de aves, além de diversos invertebrados. Destacamos a presença de teiús, gambás, cuícas, mico-estrelas, jararacas, jibóias, canários, saíras, sabiás e corujas. Há também, alguns relatos da existência de cachorro-do-mato que precisamos confirmar. Estes dados representam os primeiros esforços no reconhecimento da riqueza biológica dos fragmentos florestais da APAEP. E os inventários biológicos estão revelando surpresas. Algumas delas são: uma espécie de samambaia (*Anemia luetzelburgii* Rosenst.) pouco conhecida para o estado do Rio de Janeiro; um morcego insetívoro (*Nictinomops macrotis*) típico de áreas em bom estado de conservação ambiental e duas espécies de aves (*Saltator similis* e *Sporophila bouvreuil*), que segundo os critérios de conservação da IUCN (The World Conservation Union) estão vulneráveis no município do Rio de Janeiro, ou seja, correm risco de extinção local. Um estudo etnobotânico também está sendo realizado, e visa identificar qual a relação entre a população local e a vegetação da APAEP. Análises microbiológicas para avaliar a qualidade da água nas nascentes e córregos que compõem a bacia hidrográfica do rio Imboacú também estão previstas.

Dentre os fatores que ameaçam a APAEP estão: queimadas provocadas principalmente no inverno; lixo e aterro depositados dentro e no entorno da APAEP; ocupação imobiliária

“Apologia” Ano 1 N° 11 – julho de 2006.

irregular, principalmente das encostas; poluição, assoreamento, canalização e/ou aterramento dos cursos d’água, córregos, rios e brejos; introdução de espécies exóticas; atividades de mineração e o desconhecimento da população sobre a importância da conservação da riqueza biológica.

Mas afinal de contas, para que e por que conservar os remanescentes de Mata Atlântica? A resposta é simples. Muitos animais e plantas só ocorrem na Mata Atlântica, ou seja, são endêmicos desse bioma; a vegetação influencia no clima da região; as florestas protegem as nascentes de água e protegem as encostas contra os deslizamentos e a Mata Atlântica tem o potencial de atrair os ecoturistas.

Muitos topônimos de São Gonçalo denunciam a exuberante riqueza natural que o município abrigava. Podemos citar alguns exemplos: Água mineral – a região era muito conhecida por produzir e exportar água mineral; Tribobó – que significa água que corre aos borbotões, rumorejante; Mutuá, Mutuaguaçu e Mutuapira – que possuem o radical mutum, ave galinácea, que ocorre em vegetação primária, muito apreciada pela sua carne saborosa e por isso, alvo constante de caçadores; Boaçu – cobra grande; Anaia (Grande e Pequeno) – nome de uma palmeira que ocorre em florestas costeiras; Monjolos – nome dado a uma árvore da família das Leguminosas e também chamada de pau-de-jacaré. Deixaremos o que restou de Mata Atlântica no município ser destruído?

Portanto, ainda há muito para se estudar e descobrir na APAEP, e para isso, é de suma importância a integração entre a universidade, a comunidade local e o poder público para o desenvolvimento de estratégias para o conhecimento e conservação deste importante remanescente de Mata Atlântica de São Gonçalo. As futuras gerações gonçalenses agradecerão!